

Homo sacer e acta populi: exclusão social nos fait divers da mídia

Rafael Duarte Oliveira Venancio*

Índice

1 <i>Acta populi e fait divers: a mídia e as variedades</i>	3
2 Desesperançados e a mídia	4
3 “Culpem eles!”: <i>Homo sacer</i> como bode expiatório	6
4 Rir, sem refletir: <i>Homo sacer</i> no espetáculo da TV	7
5 Quebrando <i>fait divers</i> : a oportunidade dos excluídos	8
6 Bibliografia	9

Resumo

O objetivo desse *paper* é mostrar como que se opera a temática da exclusão social dentro da esfera espectacularizadora da mídia. Usando o conceito, retirado do Direito Romano por Giorgio Agamben, de *Homo sacer*, mostraremos como esses indivíduos que estão às margens dos direitos estatais aparecem em temáticas que “esquecem” do

*Graduando em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e bolsista de Iniciação Científica do Centro de Estudos da Metrópole (CEM-CEBRAP) com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Também é autor do livro *Difusão Metropolitana e Divulgação Científica* (Ed. Plêiade, 2007). E-mail: rdov1601@yahoo.com.br

seu problema fundamental. Relembrando os jornais romanos conhecidos como *acta populi* e o termo, difundido filosoficamente por Roland Barthes, de *fait divers*, podemos ver como que os excluídos (cuja existência, segundo Herbert Marcuse, é perigosa para o *status quo*) se tornam figuras dóceis na esfera pública.

Palavras-chaves: Exclusão social, mídia, *Homo sacer*, *fait divers*.

Na conclusão de seu livro *A ideologia da sociedade industrial*, Herbert Marcuse utiliza uma famosa frase de Walter Benjamin que diz que “somente em nome dos desesperançados nos é dada a esperança” (MARCUSE 1967: 235). Alguns parágrafos antes da citação, Marcuse nos diz quem são esses desesperançados:

Contudo, por baixo da base conservadora popular está o substrato dos párias e estranhos, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, os desempregados e os não-empregáveis. Eles existem fora do processo democrático; sua existência é a mais imediata e a mais real necessidade de por fim às condições e instituições intoleráveis. Assim, sua oposição é revolucionária ainda que sua

consciência não o seja (MARCUSE 1967: 235).

Porém, no outro lado da moeda, podemos encontrar uma outra visão acerca da situação dos excluídos dentro da sociedade. Nela,

a terrível experiência dos refugiados, dos internos nos campos de concentração, dos apátridas e de todos aqueles que se vêem excluídos (política e economicamente) da comunidade mostra claramente que a vida ou a natureza humana não podem fundamentar qualquer direito ou política, isto é, que a “nudez abstrata” do ser humano, para retomar uma expressão de Arendt, não constitui um substituto para o caráter da construção da ordem jurídico-político consentido pelos homens (DUARTE 2004: 50).

Essa citação, retirada de André Duarte, mostra a união do pensamento arendtiano com a biopolítica foucaultiana que marcará tanto o livro quanto o conceito de *Homo sacer* de Giorgio Agamben. O termo, tal como Duarte explica, representa

uma obscura figura jurídica do direito romano arcaico, aplicada ao homem que se encontrava simultaneamente fora da legislação humana e da legislação divina; que retinha em si a ambiguidade do sagrado, da *sacratio*, sendo simultaneamente sublime e monstruoso. O *homo sacer* é uma figura por meio da qual a vida humana se inclui na ordem jurídica unicamente sob a forma de sua exclusão, pois constitui a figura jurídica daquele que pode ser morto por qualquer um, desde que tal morte não seja o resultado de um ritual ou processo jurídico (DUARTE 2004: 50).

Nessa paradoxal figura de “exclusão inclusiva” (AGAMBEN 2002: 29) encontramos a situação que ele representa os “excluídos dos limites normais do Estado. Ao

mesmo tempo, no entanto, *homo sacer* não é simplesmente descartado, mas é mantido em uma relação particular com a norma: é através da exclusão da forma despolitizada de vida que a norma politizada existe” (RAJARAM & GRUNDY-WARR 2004: 33 – tradução minha).

Assim, lembramos a função desses excluídos dentro da biopolítica estatal, que acabam ganhando status de “vida indigna de ser vivida”. Esse conceito, cunhado por Binding, pregava a legitimidade jurídica de praticar eutanásia em doentes mentais irrecuperáveis. Ao estudar esses conceitos de Binding, Agamben declara que

a nova categoria jurídica de “vida sem valor” (ou “indigna de ser vivida”) corresponde ponto por ponto, ainda que em uma direção pelo menos aparentemente diversa, à vida nua do *homo sacer* e é suscetível de ser entendida bem além dos limites imaginados por Binding. É como se toda valorização e toda “politização” da vida (como está implícita, no fundo, a soberania do indivíduo sobre a sua própria existência) implicasse necessariamente uma nova decisão sobre o limiar além do qual a vida cessa de ser politicamente relevante, é então somente “vida sacra” e, como tal, pode ser impunemente eliminada. Toda sociedade fixa esse limite, toda sociedade – mesmo a mais moderna – decide quais sejam os seus “homens sacros” (AGAMBEN 2002: 146).

No entanto, queremos mostrar nesse paper que os “homens sacros” não são alvos apenas do Estado, mas sim da mídia. Além disso, queremos mostrar como que a mídia acentua esse caráter, “matando” a questão social dos excluídos, sem precisar matá-los.

1 *Acta populi e fait divers*: a mídia e as variedades

Em *Manufacturing Consent*, Noam Chomsky e Edward S. Herman mostram o chamado “modelo de propaganda” que filtraria as notícias em busca da mobilização de apoio para os interesses especiais do Estado e da atividade privada. Em uma espécie de solidariedade orgânica inconsciente, a mídia ajudaria a manutenção do *status quo* ao passar as “todas as notícias possíveis” nos cinco filtros do modelo de propaganda: (1) a busca por lucros da corporação jornalística; (2) publicidade externa; (3) confiança nas informações estatais e nos *experts*; (4) fogo anti-mídia; e (5) anti-comunismo ou anti-eixos do mal.

Esses elementos interagem e se fortalecem entre si. O material cru das notícias deve passar por filtros sucessivos, deixando apenas o higienizado resíduo pronto para imprimir. Eles fixam as premissas do discurso e da interpretação, definem o que é válido para as notícias em primeiro lugar e explicam a base e as operações para a propaganda funcionar. A dominação da mídia pela elite e a marginalização dos dissidentes que resulta do funcionamento desses filtros ocorrem tão naturalmente que os jornalistas, frequentemente trabalhando com integridade e boas intenções, estão aptos a se convencerem que escolhem e interpretam as notícias “objetivamente” e de acordo com os valores-notícias profissionais (HERMAN & CHOMSKY 2002: 2 – tradução minha).

No entanto, antes de mostrar a operação da mídia dentro de uma biopolítica relacionada aos *homo sacers*, vale a pena explicar um campo pertinente da mídia: as notícias gerais, conhecidas também como “variedades”.

Considerado elemento constitutivo do jornalismo, podemos encontrá-la no primeiro antepassado do jornal: as romanas *Acta populi*.

Segundo Carlos Rizzini, uma vez que as *Efemérides* dos gregos não passavam de almanaques que anunciavam a posição do Sol e as fases da Lua,

os *Acta diurna*, *Acta populi*, *Acta urbis* ou *Acta diurna populi urbana* constituem os mais antigos escritos aparentados com o jornal. A princípio os acontecimentos importantes eram publicados e, Roma numa tábua branca, *Album*, pendurada o ano todo no muro da residência do grande pontífice. Da sua sequência, resultaram os *Annales maximi*, ponto de partida da história romana. Ao assumir o consulado, em 69 antes de Cristo, alterou Júlio César tão rudimentar meio oficial de informação, determinando que fossem diariamente redigidos e publicados os atos do povo e os do Senado. Fingindo servir a democracia, mas de fato sacrificando-a às suas ambições, visava o futuro ditador a desmoralizar o Senado, expondo-lhes dissídios e conflitos até então encobertos por inviolável sigilo (RIZZINI 1968: 4-5).

Só que as *Acta populi* já tinham em seu projeto editorial algo tão atual quanto o jornal que está todas as manhã nas bancas:

Possuindo os dois primeiros característicos do jornal – periodicidade e atualidade – cedo atraíram as *Atas* o terceiro – variedade – quando o abelhismo do público foi-lhes abrindo espaço para o noticiário vulgar. Plínio leu nelas o afogamento de um cão no Tibre por não abandonar o corpo do dono. Sêneca deplorava que ostentassem as mulheres seus divórcios “nessas folhas linguarudas”. Tramando vinganças, Tibério mandava

estampar nos diários tudo o que se dizia contra ele e também o que se não dizia (RIZZINI 1968: 5).

Tais notícias são chamadas de *fait divers* pela imprensa francesa. Roland Barthes, em seu texto “A estrutura da notícia”, estuda e populariza o uso do termo nas análises das notícias de variedades. Seu estudo parte da diferenciação dentre o que é informação e o que é notícia geral (variedades, *fait divers*). Para ele,

essa diferença aparece imediatamente quando se comparam nossos dois assassinatos: no primeiro (assassinato político), o acontecimento (o crime) remete necessariamente a uma situação extensiva que existe fora dele, antes dele e em torno dele: a “política” (...) pode-se dizer então que ele não tem estrutura própria, suficiente, pois ele nunca é mais do que o termo manifesto de uma estrutura implícita que a ele preexiste: não há informação política se, direção, pois a política é uma categoria transtemporal; o mesmo acontece, aliás, com todas as notícias vindas de um horizontes nomeado, de um tempo anterior: elas nunca podem constituir um *fait divers*: literariamente são fragmentos de romances (...) O assassinato político é pois sempre, por definição, uma informação parcial; o *fait divers*, pelo contrário, é uma informação total, ou mais exatamente, *imane*nte; ele contém em si todo seu saber: não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete formalmente a nada além dele próprio (BARTHES 1970: 58-9).

Claro que Barthes não diz que o *fait divers* está descolado da realidade que o rodeia:

seu conteúdo não é estranho ao mundo: desastres, assassinios, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo isso remete

ao homem, a sua história, a sua alienação, a seus fantasmas, a seus sonhos, a seus medos: uma ideologia e uma psicanálise do *fait divers* são possíveis: mas trata-se aí de um mundo cujo conhecimento é apenas intelectual, analítico, elaborado em segundo grau por aquele que fala do *fait divers*, não por aquele que o consome; no nível da leitura, tudo é dado num *fait divers* (BARTHES 1970: 59).

Assim, no *fait divers* relacionado à temática da exclusão social, o que vale é a espetacularização da vida nua do *homo sacer*, do corpo biológico individualizado desse indivíduo. Não se problematiza a questão social, mas sim o fantástico na figura caricata de certo “homem sacro”.

2 Desesperançados e a mídia

Um dos bons exemplos daquilo que tratamos na seção anterior é a matéria da edição 1933 do dia 30 de novembro de 2005 da Revista *Veja* sobre o trabalho do fotógrafo Edison Russo. Ele organizou a mostra *Poetas de Almas Limpas* que compreende fotos de moradores de rua tiradas durante seis meses. Após o *lead* (parágrafo inicial) da matéria, a repórter Camila Pereira escreve:

Em sua busca pela individualidade camuflada sob cobertores velhos e roupas encardidas, o fotógrafo deparou com um elemento freqüente no cotidiano dos moradores de rua: a loucura. Presente nas falas, nas roupas e no comportamento de quase todos os personagens que participam da mostra, ela é assim explicada por um deles, Antonio Roberto de Souza Jorge, paulistano de 40 anos, dezoito dos quais vividos nas calçadas do centro de São Paulo: "Ou o sujeito vai para a rua

porque é louco ou fica louco porque está na rua"(PEREIRA 2005).

Após isso, aparece um longo parágrafo sobre loucura e fotografia (além do fato de que a matéria possui um quadro que explica com mais detalhes essa relação):

A fotografia retratou a loucura pela primeira vez por iniciativa de um médico, o francês Jean-Martin Charcot, fundador da neurologia moderna e mestre do pai da psicanálise, o austríaco Sigmund Freud. No fim do século XIX, no Hospital Salpêtrière, em Paris, então dirigido por Charcot, foi registrada uma série de imagens de pacientes em ataques de histeria (veja quadro). No Brasil, o fotógrafo e psicanalista Hugo Denizart é uma das principais referências no tema. Sua obra inclui um ensaio com internos da Colônia Psiquiátrica Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, e um documentário sobre um de seus mais ilustres internos – o ex-marinheiro e artista plástico Arthur Bispo do Rosário, morto em 1989 (PEREIRA 2005)

A conclusão tenta justificar o título da matéria (*Imagens que revelam o invisível*). Aliás, um comentário é pertinente aqui: segundo as “regras” de redação jornalísticas, em textos do gênero *notícia* (como é esse), o título e o *lead* devem refletir o que é mais importante e estarem ligados entre si. A essa estrutura de um texto jornalístico, que vai do mais importante (início do texto) ao menos importante (fim do texto), damos o nome de pirâmide invertida. No caso dessa matéria, a repórter concluiu dizendo que

Os loucos e desvalidos de Russo proclamam sua individualidade ao se fantasiar de Lampião, escrever diários delirantes, relatar viagens intergalácticas e produzir quase alegorias transformando tiras de sacos de lixo em

longos mantos negros. "A necessidade de existir no plano simbólico faz essas pessoas criar um mundo paralelo, uma realidade própria", diz Cláudia Turra, pesquisadora de populações de rua e doutora em antropologia social. "As caracterizações e os personagens que criam para si surgem dessa necessidade de ser vistos." Ao retratá-los magnificamente, Russo não se contenta em lhes dar visibilidade: confere a eles também dignidade (PEREIRA 2005).

Nessa matéria, todas as questões acerca da mendicância e dos moradores de rua ficam ocultas e não são dadas (como num bom *fait divers* que é). Não se discute nem as questões de distribuição de renda, a estrutura de oportunidades, muito menos a criminalização desses excluídos e a pertinência das políticas públicas em relação a eles. Através de um senso comum ("Ou o sujeito vai para a rua porque é louco ou fica louco porque está na rua"), que é retirado da boca de um morador de rua e espetacularizado em mote da matéria, justifica a presença dos 11 mil moradores de rua paulistanos pela provável (ou seria possível) loucura deles.

Desse modo, abre a oportunidade de transformar os moradores de rua, cidadãos tanto quanto a repórter, em “vida indigna de ser vivida”. Assim como o termo, a solução que se torna possível nas páginas midiáticas também é retirada de Binding: além de não haver necessidade deles, eles atrapalham os “cidadãos de bem” (conforme a revista *Veja* noticiou, em 2006 e em 2007, quando tratou da reforma da Cracolândia e do centro de São Paulo).

Só que isso não é válido apenas para os párias de ordem econômica como os moradores de rua e os pobres. Podemos ver isso também na esfera da religião.

3 “Culpem eles!”: *Homo sacer* como bode expiatório

Os mórmons, nome dado aos fiéis da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, representam por volta de 13 milhões no mundo todo. Nos Estados Unidos, principalmente no Estado de Utah onde tem sua sede, possuem o maior número de fiéis, mas, mesmo assim, não são populares. Ligados ao movimento Restauracionista cristão, eles são considerados tradicionais e fechados em relação às demais religiões.

No entanto, no segundo semestre de 2007, três eventos retratados pelo jornal *USA Today* mostram um interessante funcionamento em relação a esses fiéis. Primeiro é a luta do candidato à vaga de candidato à Presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano: o mórmon Mitt Romney.

Com ar jovem (mesmo aos 60 anos) e de uma religião de poucos adeptos, o governador do Massachusetts foi logo retratado com o “John Kennedy republicano” e, tal qual o democrata, teve que prestar contas acerca da sua religião e qual influência ela teria em seu mandato (LEVITT 2007: 12A). Além disso, Romney foi duramente criticado pelo jornal ao se aliar com o fundamentalista cristão Bob Jones III, que se opõe totalmente aos mórmons.

Destacando frases como a de Jones III “Por quê? ‘Isso é tudo sobre derrotar Hillary’, disse Jones” (MEMRNOTT 2007: 17A – tradução minha) e ter tido a aliança em destaque em uma matéria com o subtítulo “O segredo por detrás das alianças com celebridades: Normalmente, elas não interessam muito” (MOORE 2007: 2A), o jornal deixou claro sua posição, que pode ser represen-

tada pela conclusão do colunista DeWayne Wickham:

É mandada uma mensagem sobre quanto de abuso Romney desejará aguentar acerca da sua religião para virar o indicado. “Eu acho que ele não quer defendê-la em termos políticos”, disse o cientista político da Universidade de Maryland, Ronald Walters. “Ele disse em algumas situações que há pessoas que querem que ele negue ou rejeite sua religião, mas ele disse que não fará isso”. Também não está claro se ele irá defendê-la. Pelo menos não quando o apoio político que ele quer ficar pendurado na balança. E isso que me preocupa. A crítica contra Romney é que ele é rápido para mudar de opinião sobre questões e não diz nada acerca de ser o próximo presidente. Talvez isso seja uma crítica injusta. O que me preocupa não são as acusações de mudar de lado em questões como aborto e casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas o fato de aceitar o apoio político de alguém que rejeita sua religião. O que mais ele irá prejudicar para virar presidente? (WICKHAM 2007: 11A)

Essa defesa da religião mórmon também está presente no segundo evento: a acusação de pedofilia, poligamia e a condenação de estupro que o líder mórmon Warren Jeffs recebeu. Em todas as matérias veiculadas pelo *USA Today* entre setembro e novembro de 2007 sobre o assunto, Jeffs era separado da religião mórmon oficial ao afirmar que ele “liderava a Igreja Fundamentalista de Jesus Cristo dos Últimos Dias desde 2002, sucedendo seu pai. Os fiéis dela consideram a poligamia um pilar da religião. A principal igreja mórmon, a Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias, renunciou a poligamia há mais de um século, excomungou todos os membros que a praticam e não possui nenhuma

ligação com a seita de Jeffs” (ASSOCIATED PRESS 2007: 12A).

Em nenhum desses dois eventos podemos perceber a presença de um *homo sacer* nas páginas do *USA Today*. No entanto, quando não foi possível fazer uma defesa aos mórmons separando a religião oficial do objeto de acusação (como foi feito em relação à “traição” de Romney e o crime de Jeffs), precisou-se acusar um *homo sacer* para desviar a crítica.

Esse terceiro evento foi o lançamento do filme *September Dawn* que trata do “Massacre de Mountain Meadows”, em 1857, quando um grupo de mórmons matou um comboio de 120 pessoas. Michael Medved, locutor de rádio e colunista do *USA Today*, escreve uma crítica feroz aos executivos de Hollywood na seção “On Religion”, que sai todas as segundas no jornal:

Por quê Hollywood lança um filme controverso sobre supostos terroristas mórmons de 150 anos atrás enquanto ignora os perigosos terroristas muçulmanos de hoje? A indústria de filmes tem, acentuadamente, evitado tratamento depreciativo dos radicais muçulmanos modernos, mas *September Dawn* (a ser lançado em 24/08) mostra a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias do século XIX como um culto corrupto liderado por um poderoso assassino de multidões, sedento de sangue (MEDVED 2007: 13A).

Ora, isso vindo de um representante de duas mídias populares, mostra a operação de um dos filtros descritos por Chomsky e Herman juntamente com a demarcação de um *homo sacer*. Aqui o quarto filtro, o *flak*, funciona quando uma instituição do *status quo* (aqui, no caso, o jornal *USA Today*)

ataca uma outra mídia (Hollywood) para discipliná-la.

Nesse *flak*, que no seu sentido original significa canhão, a bala é o *homo sacer*, ou seja, os muçulmanos. A síntese é que os muçulmanos podem ter sua religião mostrada pelos terroristas e que os mórmons não (mesmo que eles tenham existido). Aliás, os muçulmanos, até mesmo quando são tratados em matérias de terrorismo, são alvos dos *fait divers*. Não se explica o contexto, não se dá nenhum dado: basta o espetáculo dos homens-bomba e dos fundamentalistas sem que nos transmitam algum dado sobre essa situação.

Aliás, todas as alternativas de “humanizar” esses *homo sacers* são através de iniciativas mais *fait divers* (e mais banais) do que os próprios *fait divers* dos jornais. Estamos falando aqui dos filmes e dos *sitcoms* que retratam os muçulmanos.

4 Rir, sem refletir: *Homo sacer* no espetáculo da TV

Um exemplo bom de um *sitcom* é o recém-lançado *Aliens in America* que consegue unir os dois *homo sacers* mais citados dos Estados Unidos: o muçulmano e o imigrante ilegal. Aliás, já há um erro nessa própria construção: não há imigrante ilegal na série, apenas no nome pois *aliens* é a forma popular de chamar esse tipo de imigrante (mesmo que ele não seja um alienígena).

A série conta a história de um estudante de intercâmbio paquistanês que vai estudar em uma escola no Wisconsin. No *USA Today*, a notícia acerca da série, apesar de ser intitulada “*Aliens* mostra seu lado sério”, possui um *lead* que mostra a dita humanização do *homo sacer* muçulmano: “Diplomacia ama-

nhã, comédia hoje à noite. Ou talvez os dois quando o sitcom da CW, *Aliens in America*, estreiar” (KEVENEY 2007a: 1D). Segundo a matéria,

grupos islâmicos e outros receberam bem a representação positiva no entretenimento, uma área na qual os muçulmanos foram representados negativamente, especialmente após 11/9. Discussão sobre *Aliens* é uma iniciativa do [Instituto] Brookings “para achar caminhos para encorajar mais representações diversas de muçulmanos na cultura popular. Quanto eu digo mais diversa, eu quero dizer algo além de ser terrorista”, disse Cynthia Schneider, ex-embaixadora na Holanda (...) Pode “nos ajudar a pensar como a cultura popular e a comédia, em particular, faz possível o fim do estereótipo negativo e torna possível vermos os muçulmanos como pessoas normais”. (KEVENEY 2007a: 1D).

Apesar das boas intenções da série, a crítica do *USA Today* não as levou em conta. Em outro texto de Keveney, o jornal comenta a artificialidade (e o exagero) de situações que envolvem o intercambista Raja: desde o exagero da roupa e a artificialidade do sotaque até as falhas comportamentais de muçulmanos e americanos médios. “O ‘lado infalível natural’ de Raja, mostrado no episódio-piloto, contrasta com a disfuncionalidade de seus anfitriões, mas suas falhas vão ser reveladas quando os relacionamentos se desenvolverem” (KEVENEY 2007b: 4D).

Além disso, o crítico de TV do jornal, Robert Bianco, tem dúvidas se a série resistirá após o segundo episódio, que terá insinuações de que Raja e seu anfitrião Justin são gays (isso com direito a cenas “sem querer” de insinuação de sexo) (BIANCO 2007: 4D). Assim, não só a imprensa, mas a indústria do entretenimento da TV deixam de lado

a oportunidade de tratar questões importantes para fazer piadas que funcionariam com qualquer personagem.

Aliás, ao colocar um muçulmano nessa situação, amplia mais ainda a condição de *homo sacer*. Isso porque tal *fait divers*, na sua narrativa fechada, perde a oportunidade de tratar de temática pertinentes acerca da violência que eles recebem (lembrem-se de Abu Ghraibi) para tratar, de forma satírica, de uma insinuada homossexualidade inexistente.

Relembrando Barthes, uma ideologia e uma psicanálise do *fait divers* são possíveis: mas trata-se aí de um mundo cujo conhecimento é apenas intelectual, analítico, elaborado em segundo grau por aquele que fala do *fait divers*, não por aquele que o consome; no nível da leitura, tudo é dado num *fait divers* (BARTHES 1970: 59).

5 Quebrando *fait divers*: a oportunidade dos excluídos

Ou seja, precisamos aqui criar possibilidades de uma segunda leitura do *fait divers*. Escavar essas estruturas e descobrir o que está por detrás, pode ser a maneira de quebrar (ou, pelo menos, desestabilizar) a biopolítica que rege a vida nua dos *homo sacers*.

Uma das formas que podemos pensar de provocar a segunda reflexão dessas estruturas do *fait divers* imersas na biopolítica é o diálogo que cria o mundo (que faz política) sugerido por Hannah Arendt. Nas suas reflexões sobre Lessing, ela explica um pouco disso:

Os *fermenta cognitionis* que Lessing disseminou pelo mundo não pretendiam comunicar conclusões, mas estimular outras pessoas

ao pensamento independente, e isso sem nenhum outro propósito senão o de suscitar um discurso entre pensadores. O pensamento de Lessing não é o diálogo silencioso (platônico) entre mim e mim mesmo, mas um diálogo antecipado com outros, e é esta a razão de ser essencialmente polêmico (ARENDDT 2003: 19).

Só que Arendt lembra que, mesmo com isso, talvez não consigamos porque muitas vezes o que está errado, em tempos sombrios, é o mundo. Mas, Arendt lembra que

como Lessing era uma pessoa totalmente política, insistia que a verdade só pode existir onde é humanizada pelo discurso, onde cada homem diz não o que acaba de lhe ocorrer naquele momento, mas o que “acha que é verdade”. No entanto, essa frase é praticamente impossível na solidão; ela pertence a uma área onde existem muitas vozes e onde a enunciação daquilo que cada um “acha que é verdade” tanto une como separa os homens, de fato estabelecendo aquelas distâncias entre os homens que, juntas, compreendem o mundo (ARENDDT 2003: 36).

Para isso, temos que abrir o diálogo para os excluídos. Retirá-los das margens e de suas posições de *homo sacers*. Trazer as chaves de leitura periféricas para a esfera pública é essencial não só para fazer jornalismo, mas também para retirar as névoas que escondem os problemas sociais esquecidos pelas contradições do modelo de propaganda e pelos *fait divers*.

6 Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer – O poder soberano e a vida nua I* (trad. Henrique Burigo). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios* (trad. Denise Bottmann). São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- ASSOCIATED PRESS, The. “In jail calls, polygamist sect leader says he was ‘immoral’ with family members”. *USA Today*. McLean: Gannett, 1/11/2007.
- BARTHES, Roland. “A estrutura da notícia”. In: BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BIANCO, Robert. “‘Aliens’ gets off to an alienating start”. *USA Today*. McLean: Gannett, 01/10/2007.
- DUARTE, André. “Modernidade, Biopolítica e Violência: a Crítica Arendtiana ao Presente”. In: DUARTE, André, LO-PRETO, Christina & MAGALHÃES, Marion B. (org.). *A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 35-54.
- HERMAN, Edward S. & CHOMSKY, Noam. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon, 2002.
- KEVENEY, Bill. “‘Aliens’ shows its serious side”. *USA Today*. McLean: Gannett, 01/10/2007a.
- KEVENEY, Bill. “‘CW: Looking for Muslims in the comedy world”. *USA Today*. McLean: Gannett, 01/10/2007b.
- LEVITT, Paul. “Romney talks about Mormon issue”. *USA Today*. McLean: Gannett, 12/11/2007.

- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial* (trad. Giasone Rebuá). Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MEDVED, Michael. “Hollywood’s terrorists: Mormon not Muslim”. *USA Today*. McLean: Gannett, 13/08/2007.
- MEMRNOTT, Mark. “Bob Jones University dean backs Romney”. *USA Today*. McLean: Gannett, 17/10/2007.
- MOORE, Martha T. “Oprah becomes test of what an endorsement means”. *USA Today*. McLean: Gannett, 22/10/2007.
- PEREIRA, Camila. “Imagens que revelam o invisível” *Revista Veja*. n°. 1933, São Paulo: Editora Abril, 30 de novembro de 2005. Também disponível na Internet em: http://veja.abril.com.br/301105/p_074.html.
- RAJARAM, Prem K. & Grundy-Warr, Carl. “The Irregular Migrant as Homo Sacer: Migration and Detention in Australia, Malaysia, and Thailand”. *International Migration*, n° 42, Geneve: IOM, 2004, p. 33–64.
- RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.
- WICKHAM, DeWayne. “What else will Romney exchange for nomination?”. *USA Today*. McLean: Gannett, 23/10/2007.